COLEÇÃO
ESTUDOS
CARIOCAS

Minervino de Oliveira (1891-1977) e a trajetória de um operário negro entre a memória coletiva e a prosopografia de uma geração política

Minervino de Oliveira (1891–1977) and the trajectory of a Black working-class man between collective memory and the prosopography of a political generation

Minervino de Oliveira (1891–1977) y la trayectoria de un obrero negro entre la memoria colectiva y la prosopografía de una generación política

Nelson de Paula Pereira[1]

[1]Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, R. Joana Angélica, 63 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ, 22420-030, ORCID 0009-0002-0514-9333, nelsondepaula@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo analisa a trajetória do sindicalista e político carioca Minervino de Oliveira (1891–1977) a partir dos conceitos de geração, prosopografia e memória coletiva, conforme Karl Mannheim, Christophe Charle, Pierre Bourdieu e Michael Pollak. Investiga como sua experiência como operário negro e militante comunista na Primeira República se insere em uma "unidade geracional" marcada pela emergência do movimento operário brasileiro. Sua trajetória, das origens humildes à candidatura presidencial, permite problematizar a "ilusão biográfica" e os condicionamentos sociais e históricos de sua atuação política, destacando o papel da memória coletiva na construção de sua identidade e de seu legado político.

Palavras-chave: Brasil, Minervino de Oliveira, movimento operário, geração e memória, prosopografia, Primeira República, Rio de Janeiro

Abstract

This article examines the trajectory of Minervino de Oliveira (1891–1977), a trade unionist and politician from Rio de Janeiro, through the concepts of generation, prosopography, and collective memory, as discussed by Karl Mannheim, Christophe Charle, Pierre Bourdieu, and Michael Pollak. It investigates how his experience as a Black worker and communist activist during Brazil's First Republic fits within a "generational unit" shaped by the emergence of the Brazilian labour movement. His trajectory, from humble beginnings to his presidential candidacy, highlights the "biographical illusion" and the social and historical constraints shaping his political engagement, emphasizing collective memory's role in constructing his identity and political legacy.

Keywords: Brazil, Minervino de Oliveira, labor movement, generation and memory, prosopography, First Republic, Rio de Janeiro

Resumen

Este artículo analiza la trayectoria de Minervino de Oliveira (1891–1977), sindicalista y político de Río de Janeiro, a partir de los conceptos de generación, prosopografía y memoria colectiva, según Karl Mannheim, Christophe Charle, Pierre Bourdieu y Michael Pollak. Examina cómo su experiencia como obrero negro y militante comunista durante la Primera República brasileña se inscribe en una «unidad generacional» marcada por el surgimiento del movimiento obrero brasileño. Su trayectoria, desde sus orígenes humildes hasta su candidatura presidencial, permite problematizar la «ilusión biográfica» y los condicionamientos sociales e históricos de su actuación política, destacando el papel de la memoria colectiva en la construcción de su identidad y legado político.

Palabras clave: Brasil, Minervino de Oliveira, movimiento obrero, generación y memoria, prosopografía, Primera República, Rio de Janeiro

Volume
14

Edição
3

Autor(a) correspondente
nelsondepaula@yahoo.com.br

Submetido em *11 set 2026*

Aceito em *09 nov 2020*

Publicado em *17 nov 2026*

Como Citar?
PEREIRA, Nelson Paula. Minervino de Oliveira (1891-1977) e a trajetória de um operário negro entre a memória coletiva e a prosopografia de uma geração política. ***Coleção Estudos Cariocas****, v. 14, n. 3, 2026.*
DOI: 10.71256/19847203.14.3.266.2026

O artigo foi originalmente submetido em PORTUGUÊS. As traduções para outros idiomas foram revisadas e validadas pelos autores e pela equipe editorial. No entanto, para a representação mais precisa do tema abordado, recomenda-se que os leitores consultem o artigo em seu idioma original.

OPEN ACCESS

CC BY

1 Introdução

A análise de trajetórias individuais no âmbito da Sociologia Histórica tem se consolidado como um importante campo de investigação, na medida em que permite articular a experiência singular de um ator social às estruturas e aos processos históricos mais amplos que condicionam sua ação. Este artigo inscreve-se nessa perspectiva ao propor uma análise da trajetória do sindicalista e político brasileiro Minervino de Oliveira (1891-1977), à luz dos conceitos de geração, prosopografia e memória coletiva, conforme discutidos por Karl Mannheim, Christophe Charle, Pierre Bourdieu e Michael Pollak.

A escolha de Minervino de Oliveira (Figura 1) como objeto de estudo justifica-se por sua posição singular na história política brasileira. Nascido no Rio de Janeiro, em 1891, três anos após a abolição da escravatura, era filho de uma família humilde e iniciou sua vida profissional aos dez anos de idade, como aprendiz de tecelão. Posteriormente, tornou-se marmorista e construiu uma trajetória de militância que o levou a ocupar um lugar de destaque no movimento operário e sindical durante a Primeira República. Sua experiência é particularmente significativa por reunir as dimensões de classe, raça e participação política em uma sociedade profundamente marcada pelas desigualdades sociais e raciais do período pós-abolição.

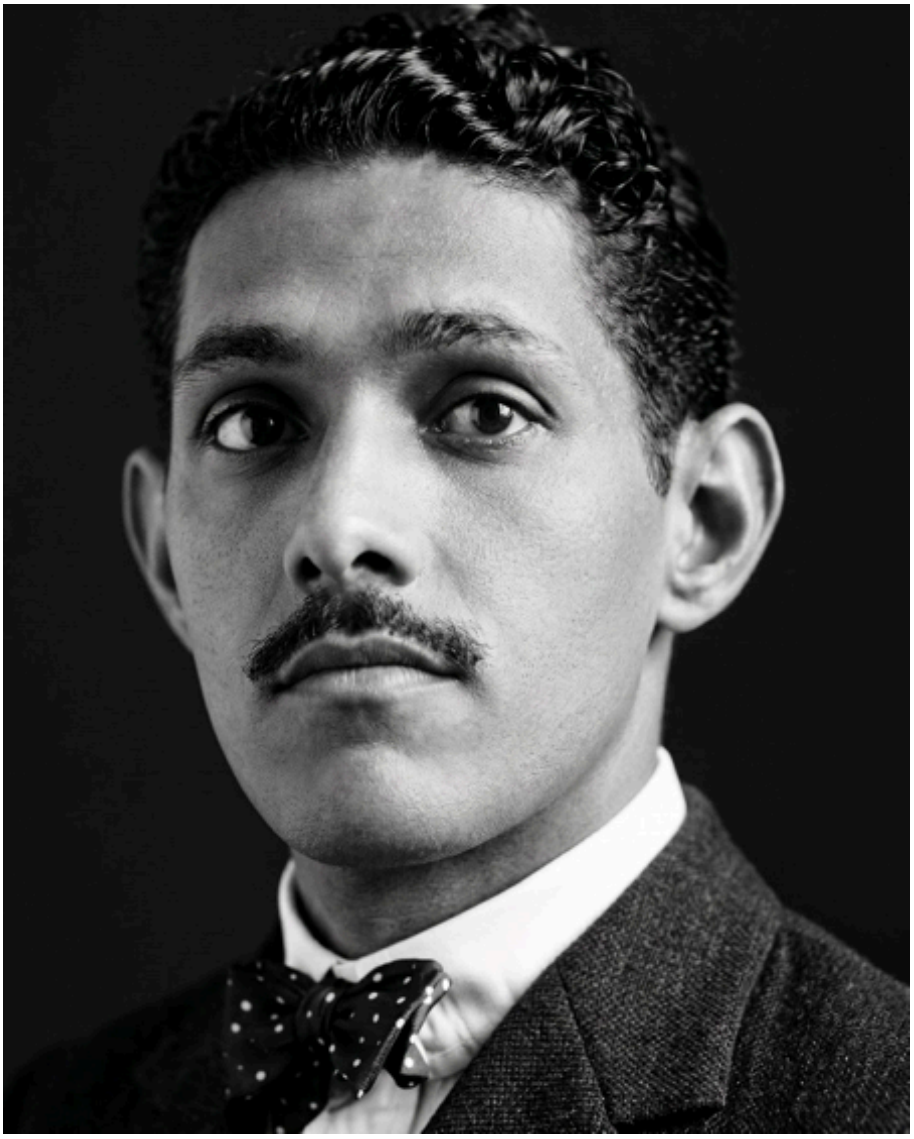


Figura 1: Minervino de Oliveira na década de 1910, início de sua atuação no movimento sindical
Fonte: acervo da família

Atuante nas lutas sindicais desde a década de 1910, Minervino construiu sua militância em um contexto de organização dos trabalhadores e de expansão dos movimentos de esquerda. Sua projeção no cenário político nacional ocorreu em 1928, quando foi eleito intendente municipal do Distrito Federal, pelo Bloco Operário e Camponês (BOC), ao lado de Octávio Brandão. Essa eleição representou um importante marco na participação política das classes populares, uma vez que possibilitou a inserção de representantes dos trabalhadores em espaços institucionais tradicionalmente ocupados pelas elites. Dois anos depois, em 1930, sua trajetória alcançou outra dimensão histórica, quando foi lançado candidato à Presidência da República pelo Bloco Operário e Camponês do Brasil (BOCB), tornando-se o primeiro operário, negro e comunista a disputar o cargo presidencial no país.

Entretanto, sua atuação política foi marcada pela crescente repressão aos movimentos de esquerda, que culminou em sua perseguição e prisão. Esses acontecimentos contribuíram para o afastamento de Minervino da vida pública e para a progressiva redução de sua visibilidade na memória política nacional. Nas décadas seguintes, sua trajetória permaneceu envolta em relativo silêncio historiográfico, sendo frequentemente mencionada de maneira secundária em estudos dedicados a outros militantes da esquerda brasileira, especialmente Octávio Brandão.

Minervino de Oliveira faleceu em 1977, deixando um percurso político e social cuja dimensão ainda demanda maior investigação. Entre as questões que merecem aprofundamento estão suas relações políticas, a possível continuidade de sua atuação militante após os períodos de perseguição e prisão e sua aproximação com o espiritismo kardecista na fase final de sua vida. Nesse sentido, recuperar sua trajetória significa não apenas resgatar a história de um personagem pouco explorado pela historiografia, mas também compreender as possibilidades e os limites da participação política de trabalhadores negros e pobres na sociedade brasileira da primeira metade do século XX. Sua experiência permite, assim, ampliar a compreensão sobre a formação da esquerda brasileira, as formas de organização do movimento operário e os processos de construção, silenciamento e preservação da memória coletiva.

2 Objetivos deste estudo

Apesar de sua importância histórica, a figura de Minervino de Oliveira ainda é relativamente pouco explorada pela historiografia e pela sociologia política brasileiras, especialmente sob o prisma das categorias analíticas aqui propostas. Este artigo busca, portanto, contribuir para preencher essa lacuna, oferecendo uma interpretação sociologicamente informada de sua trajetória, que permita não apenas compreender sua ação individual, mas também iluminar processos históricos e sociais mais amplos.

A hipótese que orienta esta investigação é que a trajetória de Minervino de Oliveira expressa, de forma paradigmática, as tensões e contradições da “unidade geracional” que forjou o movimento operário brasileiro na passagem da Primeira República, bem como as determinações sociais que condicionam a ascensão e o declínio de atores políticos oriundos das classes subalternas. Ademais, sustenta-se que a memória de Minervino, frequentemente evocada por setores da esquerda brasileira, é acionada seletivamente para forjar identidades políticas no presente, operando como um “mito fundador” da luta operária e antirracista.

O objetivo geral deste artigo é analisar a trajetória de Minervino de Oliveira à luz dos conceitos de geração, prosopografia e memória coletiva, de modo a compreender como sua experiência individual se insere em uma história coletiva de luta, repressão e construção de identidades.

Como objetivos específicos, pretende-se: 1) contextualizar a inserção de Minervino de Oliveira em sua “unidade geracional”, identificando os acontecimentos históricos

que moldaram sua formação política e a de seus contemporâneos; 2) analisar as determinações sociais, políticas e culturais que condicionaram sua trajetória, desde as origens humildes até a candidatura presidencial, sem incorrer na "ilusão biográfica" criticada por Bourdieu; e, 3) investigar os usos políticos da memória sobre Minervino de Oliveira, atentando para os enquadramentos, silêncios e disputas em torno de sua figura.

O referencial teórico deste artigo apoia-se em quatro autores fundamentais. Em primeiro lugar, Karl Mannheim (1982), cuja sociologia do conhecimento oferece o conceito de "conexão geracional" e de "unidade geracional", essenciais para compreender a experiência compartilhada pelos atores que vivenciaram a emergência do movimento operário no Brasil. Para Mannheim, o fenômeno geracional não se define apenas pela contemporaneidade biológica, mas pelo contato com os mesmos acontecimentos históricos significativos, que moldam uma visão de mundo comum.

Em segundo lugar, Pierre Bourdieu (2006), cujo texto *A ilusão biográfica* adverte contra a tendência de tratar a vida como uma narrativa coerente e linear, ignorando as contingências, rupturas e determinações sociais que a compõem. Bourdieu nos convida a problematizar a própria noção de "trajetória" como construção social, atentando para as condições de possibilidade da ação individual.

Em terceiro lugar, Christophe Charle (2018), que define a prosopografia ou biografia coletiva como um método que busca definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer a seu propósito um questionário biográfico, com o objetivo de descrever suas características comuns. Esse método permite situar Minervino não como um herói isolado, mas como representante típico de um grupo social específico: os líderes sindicais e políticos comunistas oriundos do operariado na Primeira República.

Por fim, Michael Pollak (1992), cuja análise da memória como construção social, seletiva e intrinsecamente ligada à identidade, permite investigar como a figura de Minervino foi e é evocada, silenciada ou disputada por diferentes grupos políticos ao longo do tempo.

Os quatro referenciais teóricos dialogam de maneira complementar, pois permitem analisar a trajetória de Minervino de Oliveira articulando contexto histórico, condicionamentos sociais, inserção em um grupo profissional e político e construção da memória coletiva. Mannheim oferece instrumentos para compreender sua experiência como parte de uma unidade geracional marcada pela emergência do movimento operário; Bourdieu permite problematizar a linearidade das narrativas biográficas e evidenciar as determinações sociais que condicionaram suas escolhas e possibilidades de atuação; Charle fornece a abordagem metodológica da prosopografia, que integra a análise individual a um universo coletivo de trajetórias comparáveis; e Pollak contribui para investigar os processos de construção, reconhecimento e silenciamento de sua memória e de seu legado político.

A prosopografia constitui, assim, o eixo integrador da proposta, pois permite situar Minervino em relação a outros líderes sindicais e militantes comunistas de origem operária, identificando características compartilhadas, diferenças e particularidades de sua trajetória. Mesmo quando a pesquisa se concentra em um único indivíduo, a perspectiva prosopográfica orienta a reconstrução de seu perfil social e político a partir de critérios comparativos, evitando o isolamento biográfico e articulando experiência individual, pertencimento coletivo e processos históricos de produção da memória. Os principais critérios abordados na prosopografia foram a origem social e econômica, a dinâmica de recrutamento e engajamento na militância e a trajetória política e dentro das organizações sindicais.

A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa. Suas fontes incluem, notadamente, os textos teóricos que compõem o corpus do artigo e a bibliografia especializada sobre Minervino de Oliveira e o

movimento operário na Primeira República. A análise busca interpretar a trajetória do personagem à luz dos conceitos mobilizados, sem perder de vista o contexto histórico e social mais amplo em que se insere.

As fontes utilizadas na pesquisa compreendem documentos primários e bibliografia especializada, obtidos por meio de consulta a periódicos históricos, acervos arquivísticos, registros oficiais e publicações acadêmicas. Os jornais *A Classe Operária, A Imprensa, A Manhã, A Razão, O Imparcial, O Paiz* e *Diário da Noite* constituem fontes hemerográficas fundamentais para reconstruir a atuação sindical, a inserção de Minervino de Oliveira no movimento operário e sua participação política, além de fornecer informações sobre suas redes de sociabilidade e sua trajetória anterior à militância comunista. O prontuário do Fundo Polícias Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) permite examinar os mecanismos de vigilância e repressão estatal, enquanto os Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal documentam sua atuação institucional. A legislação e os testemunhos memorialísticos complementam esse conjunto documental, ao passo que livros, artigos científicos, monografias e teses oferecem subsídios teóricos, metodológicos e historiográficos para contextualizar sua trajetória.

Articuladas criticamente, essas fontes permitem confrontar diferentes representações de Minervino, identificar convergências e silenciamentos e compreender como sua experiência individual se relaciona com o contexto social e político de sua época, contribuindo tanto para a análise prosopográfica quanto para o estudo da construção de sua memória e de seu legado político.

O artigo está estruturado em três capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta a biografia e o contexto histórico do personagem. O segundo, analisa sua trajetória à luz dos conceitos de Mannheim e Charle. O terceiro, investiga a construção da memória sobre Minervino a partir das contribuições de Pollak.

3 Minervino de Oliveira: trajetória de um operário na Primeira República

> A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos (Bourdieu, 2006, p. 183).

A trajetória de Minervino de Oliveira (1891-1977), parece convidar a uma narrativa linear de ascensão e superação. No entanto, como adverte Bourdieu (2006), é preciso desconfiar da “ilusão biográfica”: O que se propõe aqui, portanto, não é a recontagem heróica de uma vida, mas uma análise sociologicamente informada que problematize os condicionamentos sociais, as rupturas e os silêncios que marcaram a existência de Minervino.

Minervino de Oliveira (1891-1977) era o primogênito de cinco filhos do casal, um funcionário público de baixo escalão e uma lavadeira. Aos 10 anos de idade (1901), ano em que seu pai faleceu vitimado de tuberculose, foi trabalhar como aprendiz de tecelão na Fábrica de Tecidos São João (RJ). Trabalhou no comércio, em fábricas de vidros e de móveis, foi lavrador, carvoeiro e, em 1914, condutor de bondes na *The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company* (Distrito Federal, 1929, p. 1855).

Muito embora Minervino tenha sido apenas alfabetizado não avançando em sua formação acadêmica, Octavio Brandão (1896-1980), o grande companheiro de lutas de Minervino, destaca que Minervino era um “... homem inteligente, de caráter e bravura” (Brandão, 1978, p. 349). Ainda destaca o seguinte:

> O Partido Comunista é o partido da classe operária. É inseparável da luta dos militantes operários. Trata-se de uma questão de princípios. O Partido Comunista do Brasil forjou toda uma série de combatentes operários, caracteres viris. Esses operários comunistas foram orientados pelos ensinamentos da Revolução Socialista de 1917, pela Internacional

> Comunista e pela doutrina de Marx, Engels e Lênin. Bateram-se na primeira linha da batalha. Sofreram inúmeras perseguições, desemprego, prisões, espancamentos. Dedicaram seus esforços à classe operária e à grande causa da libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade. Eis uma série de operários, na maioria companheiros de luta, falecidos em grande parte: Minervino de Oliveira […] (Brandão, 1978, p. 265-266).

Octavio Brandão registra e avalia diversos companheiros de militância em sua trajetória, sendo Minervino o primeiro que destaca. O tributo de Brandão inscreve Minervino em uma tradição de militância heroica, forjando uma imagem de coerência e dedicação inabalável à causa operária. Bourdieu adverte, contudo, que tais narrativas, frequentemente elaboradas pelos próprios atores ou por seus companheiros de luta, tendem a construir uma "vida" como uma sucessão ordenada de acontecimentos que convergem para um fim:

> Falar de história de vida é pelo menos pressupor — e isso não é pouco — que a vida é uma história e que [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história (Bourdieu, 2006, p. 183).

Essa construção de sentido, ao mesmo tempo que legitima a trajetória do militante, oculta as hesitações, os dilemas e as condições sociais que tornaram possível sua ascensão. Embora possuísse apenas alfabetização básica, Minervino teve acesso e estudou obras marxistas. Isso porque a admissão no Partido Comunista exigia um período prévio de formação política antes da efetiva filiação. Entre os requisitos, o candidato precisava demonstrar concordância com os princípios do marxismo-leninismo e com a estratégia de luta pela ditadura do proletariado (Carone, 2025).

Aos 14 anos de idade (1905) aprendeu o ofício de marmorista. Entrou para o Centro dos Operários Marmoristas (COM) (fundado em 1903) em 1911 e nele ocupou o cargo de secretário várias vezes. Iniciava-se, assim, a sua atuação sindical no movimento operário.

Em 11 de dezembro de 1911, casou-se com Leontina Ciancio (1894-1969), filha do italiano Salvatore Ciancio (1867-1919), proprietário de uma marmoraria, com a brasileira Florentina Francisca de Faria (1876-1943). Minervino e Leontina tiveram 11 filhos. De um outro relacionamento, teve mais uma filha de nome Isabel.

Colaborou nos jornais: *Voz do Trabalhador* (1908)[1], *Spartacus* (1919), *Voz do Povo* (1920), *A Nação* (1923) e *A Classe Operária* (1925), onde foi o seu diretor. Foi ainda redator do jornal *Voz do Marmorista* (1903). Foi Associado do Marmorista Futebol Clube (A Manhã, 1926, p. 7) e da Caixa Beneficente dos Operários Marmoristas e Artes Correlativas (A Manhã, 1927, p. 9). Também foi eleito Secretário de atas da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro (FSRRJ) (fundada em 1927) (Batalha, 2009a, p. 225). No ano de 1919, teve atuação significativa na luta dos operários pela jornada de 8 horas (Botelho, 2008, p. 94). Foi 3º Secretário do Terra Nova Futebol Clube (O Paíz, 1919, nº 12.532, p. 07) e 1º Secretário do Clube Recreativo Beija Flor, em São Cristóvão (RJ) (O Imparcial, 1913, nº 195, p. 08; A Imprensa, 1914, nº 2.023, p. 04). Foi Presidente da Associação Gráfica (A Razão, 1919, nº 788, p. 3). Em 15 de dezembro de 1919, faleceu Francisco de Oliveira (1916-1919), aos 3 anos de idade, filho de Minervino.

Foi Delegado do Centro dos Operários Marmoristas do Rio de Janeiro, no 3º Congresso Operário Brasileiro ocorrido entre 23 e 30 de abril de 1920 (A Classe Operária, 1928, p. 1, 4). O COM foi um dos principais centros do sindicalismo-revolucionário até o início de 1920, quando os seus dirigentes aderiram ao Partido Comunista (Batalha, 2009a, p. 208).

Foi preso pela primeira vez em 21 de agosto de 1920, como grevista a agitador, sendo solto no mesmo dia. Preso novamente em 15 de setembro de 1920, por sua

[1] As datas entre parênteses referem-se ao ano da organização dos periódicos.

atuação como agitador da classe marmorista, na ocasião em que ocupava o cargo de 1º Secretário do Centro dos Operários Marmoristas (APERJ, s.d., Prontuário GB 15.652). Minervino era oriundo do movimento sindical, até a sua entrada para o comunismo. Sempre esteve envolvido em comícios, protestos e greves, sendo muitas vezes preso por sua atuação, bravura e valentia (Dulles, 1977, p. 297).

Em 1927, Minervino ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCB) (Diário da Noite, 1935, p. 2). Nesse mesmo ano, em 08 de fevereiro, morreu Liberdade de Oliveira (1920-1927), filha de Minervino, vítima de atropelamento.

O pintor modernista Di Cavalcanti[2] (1964, p. 37 e 38) que, numa reunião de célula no Partido Comunista em 1928, reunida na Rua General Canabarro, no bairro carioca do Maracanã, ele se deparou com Minervino de Oliveira e se lembrou dele e de sua mãe da época da infância:

> Enquanto [Octavio] Brandão falava, eu fixava os olhos na figura de Minervino de Oliveira sentado à minha frente. Reconheci-o: era ele o moleque Minervino, filho de Sinhá Inácia, lavadeira de minha avó Henriqueta, companheiro de meus primos mais velhos nas estripulias aquáticas da Ponta do Caju, local escolhido para os banhos de mar da minha família. O magro, alto Minervino ali estava. Via-o com novos olhos sentindo uma íntima satisfação (Di Cavalcanti, 1964, p. 37-38).

Sinhá Inácia, a quem se refere Di Cavalcanti, era a mãe de Minervino, a senhora Augusta Laura Vianna (1866-1918). Ela foi lavadeira de Henriqueta Amélia Ramos (1832-1911), avó do pintor modernista. Minervino era companheiro dos primos mais velhos do artista nas estripulias aquáticas da Ponta do Caju, zona portuária da zona Norte do Rio de Janeiro, região escolhida por muitas famílias para o banho de mar.

Em 19 de agosto de 1928, o Bloco Operário e Camponês (BOC), uma organização vinculada ao Partido Comunista, em uma assembleia extraordinária, em sua sede na Praça da República, 40, 1º andar, Centro, Distrito Federal, RJ, escolhe os nomes de Octavio Brandão e Minervino de Oliveira (Figura 2) para tornarem-se os candidatos ao cargo de Intendentes Municipais (Vereador) para o Conselho Municipal do antigo Distrito Federal (RJ), nas eleições de 28 de outubro de 1928 (A Manhã, 1928, p. 5). Minervino concorreu pelo 2º Distrito, que abrangia as seguintes regiões: Freguesias do Espírito Santo; Andaraí; Méier; Inhaúma; Jacarepaguá; Campo Grande e Guaratiba. Concentrando bairros residenciais operários e industriais em expansão na época, onde Minervino tinha muito acesso e prestígio entre os operários.

Octavio Brandão e Minervino de Oliveira conseguem se eleger (Rodrigues, 2023). Octavio Brandão ficou em 9º lugar, Minervino, em 13º lugar, mas com o progresso da apuração, sua posição subiu para o 12º lugar. Em 21 de dezembro de 1928, Minervino recebeu direito de voto e a Sessão Solene de Posse, ocorrida em 24 de dezembro de 1928. (Distrito Federal, 1928, p. 298-301). As sessões do Conselho Municipal se iniciaram em 03 de junho de 1929. Nesse dia, Octávio Brandão leu o manifesto inaugural do BOC (Distrito Federal, 1929, junho/julho, p. 384-390).

A eleição de Minervino como intendente em 1928 parece marcar o ápice de uma trajetória de ascensão política. Bourdieu chama a atenção, porém, para o perigo de se naturalizar essa leitura, como se os eventos se encadeassem necessariamente em direção a um destino:

> [O senso comum] “descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas [...] ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional [...] que tem um começo (“uma estreia na vida”), etapas e um fim” (Bourdieu, 2006, p. 183-184).

[2] Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo (1897-1976)



Figura 2: Os intendentes comunistas Octavio Brandão e Minervino de Oliveira, discursando na porta de uma fábrica do Distrito Federal (RJ), em 1927
Fonte: acervo da família

Ao contrário, é preciso indagar quais foram as condições sociais de possibilidade dessa conquista: a expansão dos bairros operários no 2º Distrito, o prestígio de Minervino entre os trabalhadores, a organização do Bloco Operário e Camponês e o contexto de efervescência política da época. Sua eleição, vista sob essa ótica, não é fruto de um "destino" pessoal, mas de uma conjuntura histórica e social específica que tornou viável a emergência de lideranças operárias na cena política institucional.

A participação e atuação de Minervino e Octávio Brandão no Conselho Municipal não foram fáceis. Nas palavras de Octávio Brandão, "*... a batalha dura, difícil e desigual contra imensas forças coligadas*" (Brandão, 1978, p. 361). Os dois Intendentes frequentemente eram perseguidos, presos ou estavam foragidos. Não tinham imunidades, muito embora o Supremo Tribunal Federal considerasse que os Intendentes do Distrito Federal fossem equiparados aos Deputados Estaduais, logo não poderiam ser presos. Mas não era isso que ocorria. A Polícia Política, representada pela 4ª Delegacia, que se tornaria o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), ignorava essa premissa. Mas não esmoreceram. Visitavam as Fábricas e Oficinas nos bairros operários. Auxiliavam nos movimentos sindicais. Escreviam nos jornais operários, especialmente no *A Classe Operária* (Figura 3). Defendiam greves. Apoiavam as reivindicações imediatas dos trabalhadores. Se fizeram presentes e falaram em comícios. Visitavam as casas dos trabalhadores. Apresentavam requerimentos, indicações e emendas ao orçamento em favor dos operários, camponeses e das massas populares. Eles também iam ao encontro do funcionalismo público em suas repartições. Em escolas, ferrovias, hospitais e em empresas do setor privado.


A CLASSE OPERARIA

PROLETARIOS DE TODOS OS PAIZES, UNI-VOS

Octavio Brandão e Minervino de Oliveira São os Candidatos do Bloco Operario

Aquelle no Primeiro e Este no Segundo

PRIMEIRO DISTRICTO

A Assembléa dos Delegados do B.O.C.

O Terror Branco na China Rubra

SEGUNDO DISTRICTO

100 rs.

Sport Proletario

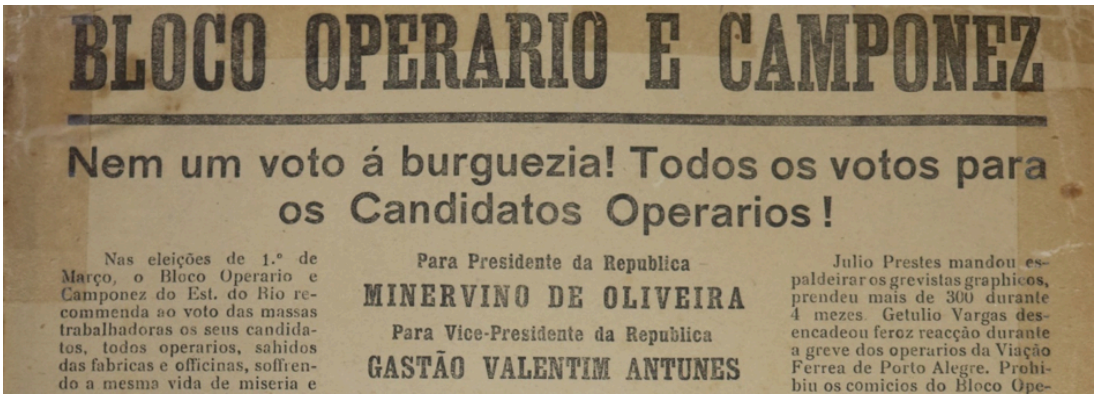
"A Nação"

Figura 3: Jornal A Classe Operária apresenta os candidatos do Bloco Operário Camponês: Octavio Brandão e Minervino de Oliveira - Segunda fase nº 18. RJ, 25 de agosto de 1928

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

O apoio aos intendentes comunistas no Conselho Municipal era praticamente inexistente. Nos primeiros meses de mandato, um dos poucos que os apoiava era o intendente Maurício Paiva de Lacerda (1888-1959), devido à sua ruptura com o Partido Democrático e aproximação com o PCB. No entanto, esse apoio foi breve. Durante o processo de sucessão presidencial, Maurício de Lacerda acabou por apoiar Getúlio Dorneles Vargas (1882-1954).

Aproximando-se da sucessão presidencial, foi realizado o I Congresso do Bloco Operário e Camponês, entre os dias 3 e 5 de novembro de 1929, no Rio de Janeiro, quando também se modificou o nome da organização para Bloco Operário e Camponês do Brasil (BOCB). Nesse congresso foi decidido lançar o nome de Minervino de Oliveira como candidato à presidência da República nas eleições de 1930 (Figura 4).



BLOCO OPERARIO E CAMPONEZ

Nem um voto á burguezia! Todos os votos para os Candidatos Operarios!

Nas eleições de 1.º de Março, o Bloco Operario e Camponez do Est. do Rio recommenda ao voto das massas trabalhadoras os seus candidatos, todos operarios, sahidos das fabricas e officinas, soffrendo a mesma vida de miseria e

Para Presidente da Republica
MINERVINO DE OLIVEIRA
Para Vice-Presidente da Republica
GASTÃO VALENTIM ANTUNES

Julio Prestes mandou espaldeirar os grevistas graphicos, prendeu mais de 300 durante 4 mezes. Getulio Vargas desencadeou feroz reacção durante a greve dos operarios da Viação Ferrea de Porto Alegre. Prohibiu os comicios do Bloco Ope-

Figura 4: Extrato do panfleto do Bloco Operário e Camponês (BOC) abordando a candidatura de Minervino de Oliveira a presidência da República em 1930
Fonte: arquivo Astrojildo Pereira, CEDEM-UNESP

O presidente da República, Washington Luís Pereira de Sousa (1869-1957), intensificou a perseguição aos comunistas e ao BOCB. Muitos candidatos foram presos, como o próprio Minervino, preso em 12 de janeiro de 1930, em Ribeirão Preto, SP, no Congresso de Colonos e Trabalhadores Agrícolas, realizado na sede da União Geral dos Trabalhadores (UGT) (Rosa, 1997, p. 82). Preso novamente, no bairro industrial de Bangu, Distrito Federal, RJ. A eleição ocorreu em 01 de março de 1930, sábado. Minervino obteve pouco mais de 720 votos. Nenhum candidato do BOC conseguiu ser eleito. A Revolução de 1930 seria desencadeada meses depois colocando Getúlio Vargas no poder. O Conselho Municipal é destituído e todos os intendentes perdem os seus mandatos. Contudo, em outubro de 1930, Minervino e Octavio Brandão são presos. Minervino é solto em 07 de fevereiro de 1931.

Se a eleição de 1928 pareceu confirmar uma trajetória ascendente, a derrota de 1930 e o ostracismo político que se seguiu expõem uma das principais armadilhas da “ilusão biográfica”, a tendência a ignorar as rupturas. Bourdieu observa que:

> O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que 'se entrega' a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...] tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. [...] O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência) (Bourdieu, 2006, p. 184).

A vida real, porém, é feita de acidentes, de desvios e de imprevistos que não se encaixam em uma narrativa coerente. O silêncio sobre os anos posteriores de Minervino, sua aproximação com o espiritismo e sua progressiva saída de cena política contrastam com a intensidade de sua atuação nos anos 1910 e 1920 e revelam que sua trajetória não seguiu uma linha reta de sucesso militante, mas foi marcada por descontinuidades e adaptações.

Muito embora Minervino não tenha mais concorrido a cargos eletivos (Executivo e Legislativo), em nenhuma esfera, Nacional, Estadual ou Municipal, ele continuou trabalhando como marmorista, atuando no movimento sindical e em organizações comunistas. Aproximou-se do espiritismo kardecista, onde passou a escrever em jornais espíritas e proferir palestras em centros espíritas.

Na década de 1940 o Brasil ainda vivia sob a ditadura do Estado Novo (1937-1945) do governo do presidente Getúlio Vargas. Em 1945, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) chega ao fim. A participação do Brasil no conflito se deu a partir do Decreto nº 10.358, de 31 de agosto de 1942 (Brasil, 1942), declarando guerra às potências do Eixo e integrando os Aliados. A partir de 1942 o Estado Novo e a figura de Getúlio Vargas começam a demonstrar sinais de desgaste e o período ditatorial parecia chegar ao fim.

Nesse clima de redemocratização, surgem diversos movimentos que lutaram pela abertura política. O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi um desses grupos. Inicia-se então, a formação dos Comitês Democráticos Progressistas (Populares), capitaneados pelo PCB. Esses Comitês desempenharam um papel de considerável relevância na mobilização e organização de setores populares daquele momento, em que a cultura e a educação passaram a se integrar com mais força ao rol de preocupações dos movimentos populares conforme aponta Pinheiro (2005, p. 9).

Minervino de Oliveira é eleito para o cargo de 1º Secretário do Comitê Democrático Progressista de Irajá e do Comitê Democrático Progressista dos Marmoristas e também membro do Comitê Metropolitano do Partido Comunista do Brasil. Ele vai apoiar o Comitê dos Marmoristas Pró-Candidatura Yedo Fiúza (1894-1975), para as eleições presidenciais de 1945 pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) (Tribuna Popular, 1945, nº 39, p. 2; nº 61, p. 5; e, nº 86, p. 5). Minervino continuará atuante no movimento operário-sindical e no comunismo nas décadas de 1950 e 1960.

Na década de 1970, com idade avançada, Minervino desenvolveu transtorno neurocognitivo maior. Até o final de sua vida foi visitado pela Polícia Política. Faleceu em 02 de março de 1977, no Rio de Janeiro, RJ.

A trajetória de Minervino de Oliveira, tal como aqui esboçada, evidencia a tensão entre a experiência vivida e a narrativa que dela se constrói. Bourdieu nos ensina que o biógrafo, ao ordenar os fatos de uma vida, corre o risco de produzir uma coerência que não existiu, transformando em “destino” o que foi produto de contingências e condicionamentos sociais. Como ele próprio afirma:

> Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede. [...] Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (Bourdieu, 2006, p. 189-190).

A vida de Minervino não se reduz à história do operário que “venceu” e se tornou político; ela é também a história de um homem que enfrentou prisões, perdeu entes queridos (dos 11 filhos, ao menos dois faleceram ainda crianças), conheceu o ostracismo e, nos últimos anos, foi esquecido. Evitar a “ilusão biográfica” significa, portanto, reconhecer essas tensões e contradições, sem forjar uma unidade artificial onde ela não existiu. A análise sociológica de sua trajetória exige que se considere não apenas os acontecimentos de sua vida, mas a estrutura do espaço social no qual eles se realizaram: o movimento operário e sindical, o campo político da Primeira República, as redes sindicais e partidárias que tornaram possível sua ascensão e, igualmente, seu declínio.

4 Geração, prosopografia e a construção de uma identidade coletiva

A trajetória de Minervino de Oliveira, tal como delineada no capítulo anterior, não pode ser compreendida como um feito isolado, fruto de vontade individual ou de um “destino” pessoal. Para além da crítica de Bourdieu à “ilusão biográfica”, é necessário situar Minervino no contexto mais amplo das forças sociais e históricas que moldaram sua ação e sua consciência. É nesse ponto que os conceitos de geração, tal como formulados por Mannheim (1982), e de prosopografia ou biografia coletiva, conforme definida por Charle (2018), oferecem instrumentos analíticos fundamentais.

Mannheim nos ajuda a compreender como a experiência compartilhada de acontecimentos históricos significativos pode criar uma “situação comum” entre indivíduos de uma mesma faixa etária, predispondo-os a certos modos de pensamento e ação. Charle, por sua vez, oferece o método da prosopografia para

descrever as “características comuns de um grupo de atores na história” (Charle, 2018, p. 127), permitindo que se supere a abordagem meramente individual da biografia. Juntos, esses dois aportes teóricos permitem analisar Minervino não como um herói solitário, mas como um representante típico de uma geração política que forjou o movimento operário brasileiro na Primeira República.

Para Mannheim, o fenômeno geracional não se reduz à contemporaneidade biológica. Como ele próprio afirma:

> O fato de as pessoas nascerem ao mesmo tempo, ou de que a sua juventude, maturidade e velhice coincidem, não envolve por si só uma similaridade de situação; o que realmente cria uma situação comum é elas estarem numa posição para experienciar os mesmos acontecimentos e dados, etc., e especialmente que essas experiências incidam sobre uma consciência similarmente “estratificada” (Mannheim, 1982, p. 79-80).

Minervino de Oliveira, nascido em 1891, pertence a uma geração que vivenciou, em sua juventude, acontecimentos decisivos para a formação do movimento operário brasileiro. Veio ao mundo logo após a Abolição da Escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889), e pôde vivenciar de perto os impactos causados pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, sobretudo, pelas grandes greves operárias de 1917 e 1919. À luz de sua atuação sindicalista e política, é possível argumentar que tais eventos incidiram sobre ele uma “consciência similarmente estratificada”, para usar a expressão de Mannheim, forjada na experiência do trabalho fabril, da pobreza e da discriminação racial.

Mannheim distingue entre três níveis de análise: a “situação de geração”, que é a mera possibilidade de uma experiência comum; a “geração enquanto realidade”, que se constitui quando os contemporâneos participam ativamente das mesmas correntes sociais e intelectuais; e a “unidade de geração”, que são grupos dentro de uma mesma geração que elaboram as experiências comuns de maneiras distintas, por vezes antagônicas. Como ele explica:

> Dentro de qualquer geração podem existir várias unidades de geração diferenciadas e antagônicas. Juntas, elas constituem uma geração 'real' precisamente por estarem orientadas umas em relação às outras, mesmo se apenas no sentido de se combaterem entre elas (Mannheim, 1982, p. 89).

Aplicando essa distinção a Minervino, podemos afirmar que ele compartilhava uma situação de geração com todos os jovens brasileiros nascidos no final do século XIX, mas sua experiência foi radicalmente diferente daquela vivida pelos jovens das elites agrárias ou dos setores médios urbanos. O que transformou essa situação em uma geração enquanto realidade foi sua participação ativa no movimento operário, nos sindicatos e, posteriormente, no Partido Comunista do Brasil (PCB). Ele não foi um mero espectador dos acontecimentos; ele foi um ator que ajudou a construí-los.

Dentro dessa geração real, Minervino integrava uma unidade de geração específica: a dos militantes comunistas oriundos do operariado, que elaboraram sua experiência histórica através do prisma do marxismo-leninismo e da luta de classes. Essa unidade de geração se distinguia de outras unidades coetâneas: como os anarquistas, que compartilhavam a mesma situação geracional mas propunham estratégias políticas distintas, ou os trabalhadores reformistas, que apostavam na negociação com o Estado. A adesão de Minervino ao PCB em 1927 não foi, portanto, um fato individual, mas a expressão de uma unidade de geração que, como observa Mannheim:

> [...] representa um vínculo muito mais concreto que a geração real enquanto tal. Pode-se dizer que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram o

> material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas (Mannheim, 1982, p. 86-87).

Um dos conceitos mais fecundos de Mannheim para a análise da trajetória de Minervino é o de “estratificação da experiência”. O autor argumenta que as experiências vividas na juventude tendem a cristalizar-se em uma “visão natural do mundo” que orienta todas as experiências posteriores:

> As impressões iniciais tendem a cristalizar-se numa visão natural do mundo. Todas as experiências posteriores, então, tendem a receber seu significado desse conjunto original, quer elas apareçam como a verificação e finalização daquele conjunto, quer como sua negação e antítese (Mannheim, 1982, p. 80).

No caso de Minervino de Oliveira, sua formação social e política pode ser compreendida a partir de duas dimensões complementares. A primeira diz respeito às condições de sua infância e juventude, marcadas pela pobreza, pelo trabalho precoce e pela morte de seu pai, quando tinha apenas dez anos. A segunda está relacionada à sua aproximação com o movimento operário, a partir de 1911, aos vinte anos, e à participação nas greves, associações profissionais e mobilizações sindicais da década de 1910. A documentação disponível sobre sua trajetória permite identificar a importância dessas experiências na constituição de seu percurso político, embora não autorize, por si só, estabelecer uma relação direta e definitiva entre elas e a formação de uma consciência de classe. É possível, contudo, interpretá-las como elementos fundamentais para compreender sua progressiva inserção nas organizações operárias e sua atuação política posterior.

Esse “estrato primário de experiências” funcionou como um filtro através do qual Minervino interpretou sua posterior adesão ao comunismo. Nesse sentido, o marxismo-leninismo pode ser compreendido como um referencial político e teórico que passou a orientar sua atuação militante, articulando questões já presentes em sua experiência no mundo do trabalho às propostas de transformação social defendidas pelo movimento comunista. A Revolução Russa de 1917, como observa Octavio Brandão, foi um “acontecimento geracional” que orientou a formação política dos militantes comunistas. Mannheim capta essa dinâmica ao afirmar que:

> [...] os fatores biológicos (tais como juventude e velhice) por si próprios não envolvem uma orientação prática ou intelectual definida [...] eles meramente iniciam certas tendências formais, cujas manifestações objetivas dependerão, em última instância, do contexto social e intelectual predominante (Mannheim, 1982, p. 78).

A “modernidade” da juventude de Minervino, como sugere Mannheim, consistiu em estar mais próxima dos problemas “atuais” do movimento operário e em tomar partido neles:

> A “modernidade” da juventude, portanto, consiste em estar mais próxima dos problemas 'atuais' (como resultado de seus “contatos potencialmente originais”), e no fato de ela estar dramaticamente consciente de um processo de desestabilização e tomar partido nele (Mannheim, 1982, p. 82).

Essa “dramática consciência” do processo de desestabilização social é exatamente o que caracterizou a geração de Minervino: ela não apenas testemunhou a emergência do movimento operário, mas se engajou ativamente na luta por direitos trabalhistas, pela jornada de 8 horas e pela transformação da ordem social.

Mannheim observa que nem toda situação de geração produz novas atitudes coletivas e princípios formativos originais. A emergência de uma unidade de geração com características próprias está estreitamente ligada ao ritmo da mudança social:

> Nem toda situação de geração — nem mesmo todo grupo etário — criam

> novos impulsos coletivos e princípios formativos originais próprios, e adequados à sua situação particular. [...] tudo indica que a frequência de tais realizações está estreitamente ligada ao ritmo de mudança social. [...] Quanto mais rápido é o ritmo de transformação social e cultural, então, maiores são as chances de que grupos particulares da situação da geração reajam a condições modificadas, produzindo suas próprias enteléquias (Mannheim, 1982, p. 92-93).

O Brasil das primeiras décadas do século XX vivia exatamente um período de acelerada transformação social. A abolição da escravatura, a imigração europeia, a industrialização incipiente, o crescimento urbano e a emergência de um proletariado fabril criaram as condições para a formação de uma nova "enteléquia geracional": a dos trabalhadores organizados que, pela primeira vez na história do país, reivindicavam seu lugar na cena política. Minervino foi um dos expoentes dessa enteléquia.

A candidatura de Minervino à presidência em 1930, ainda que tenha obtido poucos votos, foi um marco simbólico da irrupção dessa nova geração na política institucional. Como observa Mannheim, as "unidades de geração" frequentemente se originam em "grupos concretos" que desenvolvem novas concepções que depois se expandem para círculos mais amplos:

> A unidade de geração como a descrevemos não é, enquanto tal, um grupo concreto, embora realmente tenha como núcleo um grupo concreto que desenvolveu as novas concepções mais essenciais, as quais subsequentemente foram desenvolvidas pela unidade (Mannheim, 1982, p. 90).

No caso de Minervino, o grupo concreto que desenvolveu essas novas concepções foi o Bloco Operário e Camponês (BOC), que lançou sua candidatura, e, antes dele, o Centro dos Operários Marmoristas e o Partido Comunista do Brasil (PCB). Essas organizações foram os "núcleos concretos" que formularam as atitudes integradoras que depois se espalharam para uma "unidade de geração" mais ampla, composta por operários, camponeses e intelectuais engajados na luta anticapitalista e antirracista.

Se Mannheim oferece o arcabouço teórico para compreender a dimensão geracional da trajetória de Minervino, Charle (2018) fornece o método para situá-lo em um grupo social mais amplo. A prosopografia, ou biografia coletiva, é definida por Charle como: "a pesquisa das características comuns de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas" (Charle, 2018, p. 127, citando Lawrence Stone).

O princípio da prosopografia é simples:

> [...] definir uma população com base em um ou vários critérios e estabelecer a seu respeito um questionário biográfico, cujas diversas variáveis e critérios servirão para descrever sua dinâmica social, privada ou pública, cultural, ideológica ou política (Charle, 2018, p. 127).

Aplicando esse método a Minervino, podemos construir o perfil de um grupo social específico: os líderes sindicais e políticos comunistas oriundos do operariado na Primeira República. Esse grupo compartilhava uma série de características comuns que podem ser identificadas a partir da biografia de Minervino.

A análise das trajetórias dos militantes operários e comunistas aqui considerados aponta para a presença recorrente de origens sociais modestas, embora não necessariamente homogêneas. Muitos provinham de famílias de trabalhadores, pequenos artesãos ou funcionários de baixa remuneração, incluindo afrodescendentes, e possuíam reduzido acesso à propriedade e à educação formal. A formação escolar frequentemente se limitava à alfabetização básica, sendo complementada, em diversos casos, por processos de autoformação. Sua inserção profissional abrangia diferentes segmentos do operariado urbano e industrial, como

tecelagem, marmoraria e transporte público, incluindo tanto trabalhadores qualificados quanto não qualificados.

A aproximação com o movimento sindical ocorreu, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, por meio da participação em sindicatos, associações profissionais e entidades mutualistas, como o Centro dos Operários Marmoristas (COM). Para parte desses militantes, a adesão ao comunismo foi precedida pela experiência no sindicalismo revolucionário, seguida pela aproximação ou filiação ao Partido Comunista do Brasil (PCB), como ocorreu com Minervino de Oliveira, em 1927. No campo eleitoral, as candidaturas comunistas também desempenhavam uma função de propaganda e organização política, para além de suas possibilidades imediatas de êxito nas urnas. A trajetória de Minervino apresenta, nesse sentido, particularidades importantes: eleito intendente municipal em 1928, tornou-se candidato à Presidência da República em 1930.

As trajetórias desses militantes também foram atravessadas, em diferentes graus e momentos, pela repressão política, que incluiu vigilância policial, perseguições, prisões e restrições à atuação pública. Tais experiências, entretanto, não foram uniformes, variando conforme a posição ocupada por cada indivíduo, sua visibilidade política e as conjunturas históricas. Para alguns, a década de 1920 representou um período de maior projeção sindical e política, seguido de perda de espaço institucional e de dificuldades de atuação após a Revolução de 1930 e a interrupção dos mandatos conquistados. Isso não significou, necessariamente, o encerramento de suas atividades militantes, uma vez que parte desses indivíduos permaneceu vinculada, de diferentes maneiras, à organização política e sindical nas décadas seguintes (Charle, 2018, p. 127–130).

Como observa Charle, a prosopografia permite “compreender melhor as clivagens internas dos diversos grupos estudados, suas dinâmicas sociais e geracionais ou ainda as redes sociais dominantes” (Charle, 2018, p. 137). No caso do grupo de lideranças comunistas da Primeira República, a prosopografia revela uma dinâmica social marcada por três características principais:

1. A ascensão operária: a emergência de lideranças como Minervino foi possível graças à organização sindical e partidária, que oferecia um espaço de formação política e de representação para trabalhadores sem acesso às elites tradicionais.
2. A repressão como fator de unificação: as sucessivas prisões e perseguições sofridas por Minervino e seus companheiros criaram um vínculo de solidariedade e reforçaram a identidade de grupo. A repressão, paradoxalmente, funcionou como um “agente cristalizador” da unidade de geração.
3. O ostracismo e o silêncio: a derrota política de 1930 e o fim do mandato de Intendente marcam o início de um declínio que contrasta com a ascensão anterior. A prosopografia, como observa Charle, deve atentar para as “trajetórias individuais e morfologia”: *a diversidade interna desses casos é tanto maior quanto mais a população alvo é extensa* (Charle, 2018, p. 134-135).

Charle adverte que a prosopografia deve evitar duas armadilhas: o risco da “biografia indefinida dos indivíduos (correndo o risco de perder a dimensão coletiva)” e o inverso, “da ampliação de amostras sucessivas às dimensões de toda a sociedade (correndo o risco de reduzir o questionário à sua expressão mais simples)” (Charle, 2018, p. 130).

No caso de Minervino, é preciso equilibrar essas duas tendências. Por um lado, sua trajetória é exemplar de um grupo mais amplo: os líderes operários comunistas da Primeira República. Por outro, sua trajetória apresenta especificidades que a prosopografia não pode captar inteiramente: sua condição de operário negro, em uma sociedade ainda marcada pelo racismo estrutural pós-abolição, confere a sua trajetória uma dimensão singular que exige uma análise para além dos dados quantitativos.

Charle observa que “os vieses das fontes oficiais sobre as quais repousam as biografias dão apenas uma visão parcial da realidade” (Charle, 2018, p. 130). No caso de Minervino, grande parte das informações sobre sua vida provém de fontes oficiais (prontuários policiais, registros de eleição, periódicos) que tendem a enfatizar sua atuação política e sindical, silenciando sobre sua vida privada, suas motivações e suas experiências subjetivas. A prosopografia, portanto, deve ser complementada por outras abordagens: como a história oral, a análise da memória e a crítica da “ilusão biográfica”, como vimos no capítulo anterior.

Assim, a análise da trajetória de Minervino de Oliveira à luz dos conceitos de Mannheim e Charle permite superar a abordagem meramente biográfica e situá-lo em um contexto social e histórico mais amplo.

De Mannheim, aprendemos que Minervino não é um herói isolado, mas um representante de uma geração real que vivenciou a emergência do movimento operário no Brasil e de uma unidade de geração específica: a dos militantes comunistas oriundos do operariado. Sua trajetória expressa a “estratificação da experiência” que moldou sua consciência política, bem como a “enteléquia geracional” que produziu novas formas de ação e pensamento em um contexto de acelerada mudança social. De Charle, aprendemos que a trajetória de Minervino pode ser lida como parte de uma biografia coletiva dos líderes sindicais e políticos comunistas da Primeira República. A prosopografia revela as características comuns desse grupo: origem operária, autodidatismo, participação sindical, adesão ao comunismo, candidaturas simbólicas e repressão política.

Essa dupla abordagem, geracional e prosopográfica, permite compreender a trajetória de Minervino não como um destino individual, mas como um fenômeno social e histórico. Ela também prepara o terreno para o próximo capítulo, em que analisaremos a construção da memória sobre Minervino e seu papel na forja da identidade política da esquerda brasileira.

5 Memória, silêncio e legado político

A trajetória de Minervino de Oliveira, tal como delineada nos capítulos anteriores, não se esgota em sua biografia factual nem em sua inscrição em uma geração ou grupo social. Há uma dimensão igualmente fundamental: a da memória que se construiu sobre ele e, igualmente, dos silêncios que cercam sua figura. Como observa Pollak (1992), a memória não é um simples resgate do passado, mas uma construção social, seletiva e intrinsecamente ligada à identidade, tanto individual quanto coletiva.

Pollak define a memória como um “fenômeno construído”, que envolve um verdadeiro “trabalho de organização” daquilo que se grava, se recalca, se exclui ou se relembra. Essa construção é realizada tanto em nível individual quanto coletivo, e está estreitamente associada ao “sentimento de identidade”, entendido como “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria” (Pollak, 1992, p. 204).

Aplicando essa perspectiva à figura de Minervino, podemos investigar como sua memória foi construída, evocada e, em certos momentos, silenciada por diferentes grupos políticos ao longo do tempo. A pergunta que orienta este capítulo é: como a memória de Minervino de Oliveira foi enquadrada, disputada e, em certos aspectos, esquecida, e o que isso revela sobre a construção da identidade política da esquerda brasileira?

Pollak propõe três critérios para analisar a constituição da memória: acontecimentos, personagens e lugares, que podem ser conhecidos “direta ou indiretamente” (Pollak, 1992, p. 202). Aplicando esses critérios à figura de Minervino, podemos identificar os elementos que compõem sua memória, acontecimentos, personagens e lugares.

Os acontecimentos que marcam a memória de Minervino são, sobretudo, aqueles ligados à sua atuação política e sindical: a eleição como intendente em 1928, a candidatura à presidência em 1930, as sucessivas prisões e a repressão policial. Esses eventos são frequentemente evocados em artigos e biografias que celebram sua trajetória. Como observa Pollak, a memória é seletiva: “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (Pollak, 1992, p. 204).

No caso de Minervino, o que fica gravado são os momentos de ascensão e resistência, sua eleição como Intendente em 1928, sua candidatura presidencial em 1930, suas sucessivas prisões, enquanto os momentos posteriores de sua trajetória, embora marcados por contínua militância, são frequentemente silenciados ou subestimados. A memória que se constrói sobre ele privilegia a figura do “militante heroico” dos anos 1910 e 1920, em detrimento da atuação igualmente relevante que manteve nas décadas seguintes. Conforme observa Domingues (2017, p. 18), os anos posteriores à candidatura presidencial de Minervino são marcados por um ostracismo que contrasta com a intensidade de sua atuação anterior, ainda que ele tenha permanecido ativo no movimento sindical e no Partido Comunista, como demonstra sua participação nos Comitês Democráticos Progressistas durante a redemocratização de 1945 e seu apoio à candidatura de Yedo Fiúza (Tribuna Popular, 1945). Esse silêncio sobre seus anos finais, portanto, não reflete um efetivo afastamento da política, mas sim uma seleção memorialística que privilegia os momentos de maior visibilidade pública em detrimento de uma trajetória mais longa e menos espetacular, mas não menos significativa.

Pollak observa que a memória é constituída também por personagens, que podem ser “realmente encontrados no decorrer da vida” ou “frequentados por tabela, indiretamente” (Pollak, 1992, p. 202). No caso de Minervino, as personagens que povoam sua memória são seus companheiros de militância, especialmente Octavio Brandão, e seus adversários políticos, os policiais que o perseguiram, os intendentes que se opuseram a ele no Conselho Municipal (Figura 5).



Figura 5: Edifício do Conselho Municipal do Distrito Federal (RJ), 02/06/1928 à epoca da atuação de Minervino de Oliveira
Fonte: fotografia de Augusto Malta (1864-1957), Coleção Instituto Moreira Salles

Pollak destaca ainda que “não é preciso ter vivido na época” de uma personagem para senti-la como contemporânea (Pollak, 1992, p. 202). Isso se aplica a Minervino, porque muitos militantes de esquerda que não o conheceram pessoalmente o evocam como uma figura emblemática, como um “contemporâneo” da luta operária e antirracista. A personagem “Minervino” torna-se, assim, um símbolo que transcende sua existência individual.

Os lugares da memória são igualmente importantes. Pollak menciona “lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (Pollak, 1992, p. 202). Para Minervino, os lugares de sua atuação, a Fábrica de Tecidos São João, o Centro dos Operários Marmoristas, a Praça da República onde ficava a sede do BOC, os bairros operários do 2º Distrito onde fez campanha, são lugares de memória que evocam sua trajetória.

Pollak observa também que “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo” (Pollak, 1992, p. 202). No caso de Minervino, sua figura está associada a uma geografia simbólica do movimento operário carioca, a Ponta do Caju, onde brincou na infância; o bairro de Bangu, onde foi preso; a Rua General Canabarro, onde Di Cavalcanti o reencontrou. Esses lugares, mesmo para aqueles que não os conheceram, tornam-se parte da memória coletiva da luta operária.

Pollak distingue entre acontecimentos “vividos pessoalmente” e aqueles “vividos por tabela”, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (Pollak, 1992, p. 201). Ele acrescenta que pode ocorrer um “fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (p. 201).

No caso de Minervino, sua memória é ativada não apenas por aqueles que o conheceram pessoalmente, mas por gerações posteriores de militantes de esquerda que se identificam com sua luta. Pollak observa que: Podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (Pollak, 1992, p. 201).

Embora Minervino não seja um personagem de séculos atrás, sua figura opera de modo semelhante: ela é transmitida como parte de uma herança militante, como um exemplo de “combatente operário” que deve ser lembrado e celebrado. Essa memória herdada cumpre uma função importante: ela forja um sentimento de continuidade e pertencimento entre os militantes atuais e as gerações passadas.

Pollak observa ainda que:

> Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento (p. 202-203).

No caso de Minervino, as datas que ficam gravadas são aquelas ligadas a sua atuação pública: 1928 (eleição como Intendente), 1930 (candidatura presidencial e prisão), 1977 (morte). As datas de sua vida privada, nascimentos, casamentos, mortes dos filhos, são menos lembradas, pois não se encaixam na narrativa política que se construiu sobre ele. Isso confirma a observação de Pollak de que, para “personagens públicas, a vida familiar, a vida privada, vai quase que desaparecer do relato” (Pollak, 1992, p. 203).

Pollak observa que a memória não é apenas seleção, mas também recalque, exclusão e silêncio. Em seu artigo *Memória, esquecimento, silêncio*, mencionado na introdução, ele analisa como certos aspectos do passado são sistematicamente silenciados porque são dolorosos, vergonhosos ou inconvenientes para a identidade do grupo.

Como vimos anteriormente, a trajetória de Minervino após 1931 é marcada por uma intensa atividade política que, no entanto, permaneceu à margem da grande cena eleitoral. Embora não tenha mais concorrido a cargos eletivos, Minervino continuou atuando no movimento sindical e no Partido Comunista, participando ativamente do processo de redemocratização de 1945, quando foi eleito 1º Secretário do Comitê Democrático Progressista de Irajá e do Comitê Democrático Progressista dos Marmoristas, além de apoiar a candidatura presidencial de Yedo Fiúza (Tribuna Popular, 1945). Apesar dessa contínua militância, o silêncio sobre seus anos finais contrasta com a intensidade de sua atuação nos anos 1920 e com a riqueza de informações disponíveis sobre aquele período.

Pollak observa que "a memória é um fenômeno construído social e individualmente" (Pollak, 1992, p. 204), e que o silêncio pode ser uma forma de gestão da memória "O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização" (Pollak, 1992, p. 204).

Por que os anos finais de Minervino são silenciados? Uma hipótese plausível é que esse silenciamento não decorre de um efetivo afastamento da militância, mas sim de uma lacuna na produção acadêmica. A bibliografia consagrada sobre os movimentos operário e sindical, o Partido Comunista no Brasil e a história do Brasil, especialmente aquela produzida nas décadas de 1960 e 1980, concentrou-se quase que exclusivamente[3] nos momentos de maior visibilidade da trajetória de Minervino, sua eleição como intendente em 1928, sua candidatura presidencial em 1930 e as prisões que sofreu, dedicando pouca ou nenhuma atenção à sua atuação após 1931. Como observa Domingues (2017, p. 18), os anos posteriores à candidatura presidencial de Minervino são marcados por um ostracismo que contrasta com a intensidade de sua atuação anterior, ainda que ele tenha permanecido ativo no movimento sindical e no Partido Comunista.

Pollak também chama a atenção para o fato de que a memória sofre flutuações "em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa" (Pollak, 1992, p. 204). As pesquisas que surgiram a partir dos anos 2000, embora tenham resgatado a figura de Minervino, também não abordaram sistematicamente sua atuação entre 1931 e 1977, reproduzindo, assim, o silêncio historiográfico sobre suas últimas décadas de vida. Esse vazio documental não significa, contudo, que Minervino tenha se retirado da política; significa, antes, que a história de sua militância após 1931 permanece por ser escrita.

Outro silêncio notável na memória de Minervino diz respeito à sua condição de operário negro. Embora seja frequentemente mencionado como "o primeiro candidato afro-brasileiro, operário e comunista a disputar o cargo mais importante da nação" (Domingues, 2017, p. 13), a dimensão racial de sua trajetória é menos explorada do que sua dimensão política. A bibliografia consagrada sobre o movimento operário e o Partido Comunista, especialmente aquela produzida nas décadas de 1960 e 1980, concentrou-se prioritariamente em sua militância partidária e sindical, abordando de forma secundária sua condição de negro em uma sociedade pós-escravista. Estudos mais recentes, como o de Passos (2022), buscam suprir essa lacuna ao inserir Minervino no contexto mais amplo das "resistências negras contra o capital", destacando sua relevância tanto para a história do movimento operário quanto para a história da luta negra no Brasil. Pollak observa que "se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais" (Pollak, 1992, p. 205).

No caso de Minervino, essa disputa se expressa na tensão entre diferentes grupos que reivindicam sua herança. Os movimentos operário e sindical e o Partido Comunista, como se depreende da obra de Octavio Brandão (1978), tendem a

[3] Como atestado por Batalha (2009a), Botelho (2008), Carone (2025), Domingues (2017), Dulles (1977), Rodrigues (2025) e buscas bibliográficas em bases e indexadores como Scopus e Scielo. As poucas referências sobre a vida de Minervino de Oliveira focam sobretudo em sua atuação nos anos 20.

enfatizar sua luta de classe e sua militância partidária, inserindo-o em uma linhagem de "combatentes operários" que "bateram-se na primeira linha da batalha". O movimento negro, por sua vez, conforme destacam Domingues (2017, p. 13) e Buonicore (2010), tende a enfatizar sua condição racial e o caráter simbólico de sua candidatura presidencial em uma sociedade pós-escravista. Passos (2022) também contribui para essa abordagem ao inserir Minervino no contexto mais amplo das "resistências negras contra o capital", evidenciando a dupla dimensão de sua luta: de classe e racial.

Pollak observa ainda que "a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas" (Pollak, 1992, p. 205). No caso de Minervino, a disputa por sua memória é uma disputa pela herança política da esquerda brasileira. Quem são os verdadeiros herdeiros de sua luta?

Pollak introduz o conceito de "trabalho de enquadramento da memória" (Pollak, 1992, p. 206), que é realizado por organizações políticas, sindicatos, igrejas e, também, pelos historiadores. Ele observa que:

> Há um trabalho que é parcialmente realizado pelos historiadores. Temos historiadores orgânicos, num sentido tomado emprestado de Gramsci, que são os historiadores do Partido Comunista, os historiadores do movimento gaullista, os historiadores socialistas, os sindicalistas etc., cuja tarefa é precisamente enquadrar a memória (Pollak, 1992, p. 206).

No caso de Minervino, o trabalho de enquadramento da memória foi realizado principalmente por dois grupos: o Partido Comunista, que o celebrou como um "combatente operário" e, mais recentemente, o movimento negro que o celebra como um "herói negro esquecido". Ambos os grupos selecionam e organizam a memória de Minervino de acordo com suas próprias agendas políticas.

Pollak observa que "Cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização" (Pollak, 1992, p. 206). No caso de Minervino, a memória construída pelo Partido Comunista, que o insere em uma linhagem de "combatentes operários", é relativamente estável e coerente. Ela serve para manter a identidade do partido e para inspirar as gerações futuras de militantes. Pollak destaca que "Os investimentos do passado, por assim dizer, renderam juros" (Pollak, 1992, p. 206). Pollak observa ainda que, em momentos de reorganização interna ou reorientação ideológica, a memória do grupo pode ser reescrita:

> Cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescreve-se a história do partido e a história geral. Tais momentos não ocorrem à toa, são objeto de investimentos extremamente custosos em termos políticos e em termos de coerência, de unidade, e portanto de identidade da organização (Pollak, 1992, p. 206).

Isso é particularmente relevante para entender a memória de Minervino no contexto do Partido Comunista. A figura de Minervino foi mais ou menos celebrada em diferentes momentos da história do partido, dependendo das orientações ideológicas do momento. Em períodos de maior aproximação com o movimento negro, por exemplo, sua condição racial foi mais enfatizada; em períodos de ênfase na luta de classes, sua origem operária foi mais destacada.

Pollak observa que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (Pollak, 1992, p. 205). Ele exemplifica com a memória da Resistência francesa, que foi disputada entre gaullistas e comunistas pelo reconhecimento da "verdadeira" legitimidade de ter sido a vanguarda da Resistência "O objetivo era verem reconhecida a interpretação do passado de cada um e, logo, a sua memória específica" (Pollak, 1992, p. 205).

No caso de Minervino, podemos identificar disputas semelhantes. Sua memória é

disputada entre diferentes grupos políticos que reivindicam sua herança. O Partido Comunista, conforme registra Octavio Brandão (1978, p. 265-266), celebra Minervino como um "combatente operário" e um "militante comunista exemplar", enfatizando sua filiação partidária e sua luta pela revolução socialista, inserindo-o em uma linhagem de operários que "bateram-se na primeira linha da batalha". O movimento negro, por sua vez, como destacam Domingues (2017, p. 13) e Buonicore (2010), celebra Minervino como um "herói negro", enfatizando sua condição de operário negro em uma sociedade pós-escravista e o caráter simbólico de sua candidatura presidencial. O movimento sindical, conforme documenta Batalha (2009a, p. 208, 225), celebra Minervino como um "líder sindical", enfatizando sua atuação no Centro dos Operários Marmoristas e sua luta por melhores condições de trabalho.

Pollak observa que "a elaboração desse tipo de memória implica um trabalho muito árduo, que toma tempo, e que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos" (Pollak, 1992, p. 205). Cada um desses grupos realiza um trabalho semelhante, selecionando e hierarquizando os aspectos da trajetória de Minervino que mais interessam à sua própria identidade política.

A memória de Minervino de Oliveira não é apenas um registro do passado; ela é um instrumento ativo na construção da identidade política da esquerda brasileira. Pollak observa que "A memória é um fenômeno construído social e individualmente, que está estreitamente associada ao sentimento de identidade" (Pollak, 1992, p. 204).

A figura de Minervino opera como um ponto de ancoragem para a identidade política de diferentes grupos. Para o movimento operário, ele é a prova de que um operário pode ascender politicamente e lutar por seus direitos. Para o movimento negro, ele é a prova de que um negro pode romper as barreiras do racismo e ocupar espaços de poder. Para o movimento comunista, ele é a prova de que o partido é realmente o partido da classe operária, como afirmou Octavio Brandão.

Pollak observa que:

> Quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearranjos (Pollak, 1992, p. 207).

A memória de Minervino, tal como foi construída pelo PCB, tornou-se suficientemente estável para resistir a questionamentos externos. Ela foi incorporada à "tradição" do partido e é transmitida às novas gerações de militantes.

No entanto, Pollak adverte que em momentos de crise ou de reorganização interna, a memória pode ser reescrita "Cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescreve-se a história do partido e a história geral" (Pollak, 1992, p. 206).

Isso sugere que a memória de Minervino pode ser objeto de futuras reavaliações, dependendo das transformações políticas e ideológicas da esquerda brasileira. Novos aspectos de sua trajetória, como sua aproximação com o espiritismo, seu ostracismo político ou sua condição racial, podem ser mais ou menos enfatizados conforme as necessidades políticas do presente.

A análise da memória de Minervino de Oliveira à luz dos conceitos de Michael Pollak revela a complexidade e a seletividade do processo de construção memorialística. A figura de Minervino não é um simples "dado histórico", mas uma construção social que reflete as disputas políticas e identitárias de diferentes grupos.

Pollak nos ensina que a memória é seletiva, fluida e profundamente ligada à identidade. No caso de Minervino, a memória que se construiu sobre ele privilegiou os momentos de ascensão e resistência, silenciando os anos de ostracismo e as dimensões mais ambíguas de sua trajetória. Esse silêncio não é acidental; ele é o

resultado de um trabalho de enquadramento realizado por organizações políticas que têm interesse em celebrar certos aspectos de sua vida e em esquecer outros.

Pollak também nos ensina que a memória é objeto de disputa. A figura de Minervino é disputada entre diferentes grupos que buscam fazer dela um símbolo de suas próprias lutas. Essa disputa revela a importância de Minervino como um ponto de ancoragem para a identidade política da esquerda brasileira.

Finalmente, Pollak nos chama a atenção para a relação entre memória e identidade. A memória de Minervino não é apenas sobre o passado; ela é sobre o presente e o futuro. Ela serve para forjar um sentimento de continuidade e pertencimento entre os militantes atuais e as gerações passadas, e para legitimar as lutas políticas do presente.

6 Considerações finais

A trajetória de Minervino de Oliveira (1891-1977) revela-se exemplar para a compreensão das tensões entre a experiência individual e os processos sociais e históricos mais amplos. Longe de ser um caso isolado ou uma curiosidade biográfica, sua vida condensa as contradições do movimento operário brasileiro, a ascensão e a repressão, a luta de classes e a questão racial, a memória celebrada e o silêncio historiográfico.

A crítica de Bourdieu (2006) à “Ilusão biográfica” mostrou-se fundamental para desnaturalizar a narrativa linear de ascensão e superação que frequentemente envolve figuras como Minervino. Sua eleição como Intendente em 1928 e sua candidatura presidencial em 1930 não foram frutos de um “destino” pessoal, mas de condições sociais e históricas específicas. Ao mesmo tempo, o silêncio sobre seus anos posteriores revela que sua vida não seguiu uma linha reta de sucesso militante, mas foi marcada por descontinuidades, adaptações e ostracismo.

Os conceitos de Mannheim (1982) permitiram situar Minervino em seu contexto geracional. Nascido em 1891, ele integra uma geração que vivenciou a emergência do movimento operário no Brasil, as greves de 1917 e 1919, a fundação do PCB em 1922, e, dentro dela, uma unidade de geração específica, a dos militantes comunistas oriundos do operariado. Sua trajetória expressa a “estratificação da experiência” que moldou sua consciência política e a “enteléquia geracional” que produziu novas formas de ação em um contexto de acelerada mudança social.

A prosopografia, tal como definida por Charle (2018), permitiu ler a trajetória de Minervino como parte de uma biografia coletiva dos líderes sindicais e políticos comunistas da Primeira República. As características comuns desse grupo, origem operária, autodidatismo, participação sindical, adesão ao comunismo, candidaturas simbólicas e repressão política, revelam as dinâmicas sociais e geracionais que tornaram possível a emergência de lideranças operárias na cena política institucional.

Por fim, os conceitos de Pollak (1992) sobre memória e identidade permitem compreender a seletividade e o caráter disputado das representações construídas sobre Minervino ao longo do tempo. Sua figura foi enquadrada de diferentes maneiras por distintos grupos sociais e políticos: o Partido Comunista o celebrou como “combatente operário” (Brandão, 1978); o movimento negro passou a destacá-lo como “herói negro” e primeiro candidato afro-brasileiro à Presidência da República (Domingues, 2017; Buonicore, 2010); e a historiografia do movimento operário enfatizou sua atuação como liderança sindical (Batalha, 2009b).

É importante observar, entretanto, que essa valorização de sua identidade racial constitui, sobretudo, uma interpretação posterior de sua trajetória. Sua identificação como homem negro é historicamente relevante, mas é particularmente difícil localizar, tanto em seus discursos quanto na documentação primária e nos registros contemporâneos à sua atuação, referências explícitas a reivindicações ou argumentos de natureza racial formulados pelo próprio Minervino. Essa distinção

permite problematizar os processos de reconstrução de sua memória, nos quais diferentes grupos selecionaram e ressignificaram aspectos de sua trajetória de acordo com suas próprias identidades e agendas políticas, configurando aquilo que Pollak (1992, p. 206) denomina “trabalho de enquadramento da memória”.

No caso de Minervino de Oliveira, a disputa em torno de sua memória pode ser compreendida a partir dos diferentes processos de transmissão e enquadramento realizados por grupos políticos e sociais em épocas distintas. Sua lembrança não se restringe àqueles que conviveram diretamente com ele, mas é também mobilizada por gerações posteriores de militantes de esquerda que reconhecem em sua trajetória uma referência de luta política.

Como observa Pollak (1992, p. 201), determinados acontecimentos e experiências podem ser transmitidos ao longo das gerações com elevado grau de identificação, constituindo uma memória herdada. No caso de Minervino, essa transmissão pode ser observada, por exemplo, na recuperação de sua trajetória por Octavio Brandão (1978), que o apresenta como combatente operário, e em iniciativas posteriores de valorização de sua participação na história do comunismo brasileiro, como o artigo de Augusto Buonicore (2010) e o estudo de Petrônio Domingues (2017). Esses registros permitem identificar diferentes ênfases na construção de sua memória: enquanto a tradição comunista privilegia sua condição de militante e representante do operariado, as abordagens vinculadas à história da população negra destacam sua trajetória como expressão da presença negra na política brasileira.

A comparação dessas representações evidencia que a memória de Minervino não é simplesmente preservada, mas continuamente selecionada e ressignificada, contribuindo para a construção de sentimentos de pertencimento e continuidade histórica entre diferentes gerações de militantes. Ao mesmo tempo, é importante distinguir as interpretações retrospectivas das evidências produzidas durante sua atuação, uma vez que os enquadramentos posteriores também revelam os interesses e as identidades coletivas dos grupos que reivindicam seu legado.

Essa disputa memorialística, no entanto, convive com silêncios significativos. O silêncio sobre os anos finais de Minervino não reflete um efetivo afastamento da política, como demonstrou sua participação nos Comitês Democráticos Progressistas em 1945, mas sim uma lacuna na produção acadêmica. A bibliografia consagrada concentrou-se nos momentos de maior visibilidade de sua trajetória, dedicando pouca atenção à sua atuação após 1931. Outro silêncio notável diz respeito à sua condição de operário negro, dimensão menos explorada do que sua militância partidária. Estudos recentes, como o de Passos (2022), buscam suprir essa lacuna ao inserir Minervino no contexto mais amplo das “resistências negras contra o capital”.

Minervino de Oliveira é, portanto, um sujeito que rompeu com as expectativas sociais de sua origem, um representante típico de sua geração e de seu grupo social e um símbolo na memória coletiva da esquerda brasileira. Sua trajetória não se reduz a uma biografia heroica, mas expressa processos sociais e históricos mais amplos que merecem ser continuamente investigados. Evitar a “ilusão biográfica” significa reconhecer as tensões e contradições de sua vida, sem forjar uma unidade artificial onde ela não existiu, e compreender que a análise sociológica de uma trajetória exige considerar não apenas os acontecimentos de uma vida, mas a estrutura do espaço social no qual ela se realizou.

É necessário reconhecer, entretanto, algumas limitações desta pesquisa. A análise apoiou-se principalmente na bibliografia existente e em fontes secundárias, complementadas por um conjunto de registros da imprensa da época, documentos institucionais e registros policiais. Embora essas fontes permitam reconstruir aspectos importantes de sua atuação sindical e política, não foi possível realizar uma investigação arquivística primária suficientemente abrangente, sobretudo no que diz respeito ao período posterior a 1931. Essa lacuna limita a compreensão de suas atividades, redes de sociabilidade e posicionamentos políticos nas décadas

seguintes, bem como dos processos de construção e preservação de sua memória.

A história de sua militância após 1931 permanece, em grande medida, por ser escrita. Essa é uma das contribuições que este artigo espera ter suscitado: a necessidade de aprofundar a pesquisa em fontes primárias (muitas ainda arquivadas de modo unicamente analógico) e, sobretudo, investigar os anos ainda pouco conhecidos de Minervino, para que sua trajetória possa ser compreendida em sua amplitude histórica, com suas conquistas, contradições, continuidades e silêncios.

Como contribuição teórica e metodológica, o artigo propõe deslocar a análise de uma biografia individual isolada para a compreensão das relações entre trajetória, pertencimento social, experiência coletiva e enquadramento da memória. Ao aproximar a sociologia histórica dos estudos de memória, o trabalho oferece uma possibilidade metodológica para investigar lideranças operárias e políticas cujas trajetórias foram parcialmente esquecidas, silenciadas ou posteriormente ressignificadas. Espera-se, assim, que este estudo não represente um ponto final na reconstrução da trajetória de Minervino, mas um estímulo a novas pesquisas documentais e historiográficas capazes de preencher as lacunas ainda existentes.

Referências

A CLASSE OPERÁRIA. Octavio Brandão e Minervino de Oliveira são os candidatos do Bloco Operário. **Segunda fase**. Nº 18. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1928.

A IMPRENSA, Outras festas. **Clube Carnavalesco Beija-Flor**. Ano XI. Nº 2.023. Rio de Janeiro, quarta-feira, 18 de fevereiro de 1914.

A MANHÃ. **Caixa Beneficente dos Operários Marmoristas e Artes Correlativas**. Ano III. Nº 329. Rio de Janeiro, terça-feira, 18 de setembro de 1927.

A MANHÃ. **Foram escolhidos os candidatos do Bloco Operário e Camponês ás eleições de outubro**. Ano IV. Nº 830. Rio de Janeiro, domingo, 26 de agosto de 1928.

A MANHÃ. **Marmorista F. C**. Ano II. Nº 287. Rio de Janeiro, terça-feira, 30 de novembro de 1926.

A RAZÃO. **Movimento Operário à Noite. Na Associação Gráfica**. Ano IV. Nº 788. Rio de Janeiro, sábado, 08 de fevereiro de 1919.

APERJ. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. **Fundo Polícias Políticas (POL)**. Série: Prontuários GB. Caixa nº 1.718. Prontuário nº GB 15.652.

BATALHA, Cláudio H. M. O movimento operário na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano**: o tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009a.

BATALHA, Cláudio Henrique de Morais. **Dicionário do movimento operário**: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 militantes e organizações. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009b.

BOTELHO, Sheila Regina Oliveira. **Octavio Brandão e Minervino de Oliveira**: intendentes comunistas eleitos pelo BOC/RJ (1928-1929). 2008. 102f. Monografia de fim de curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína; PORTELLI, Alessandro (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

BRANDÃO, Octavio. **Combates e batalhas**. Memória. 1º volume. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.

BRASIL. **Decreto nº 10.358**, de 31 de agosto de 1942. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-10358-31-agosto-19

42-467907-norma-pe.html. Acesso em: 20. ago. 2025.

BUONICORE, Augusto. Minervino de Oliveira: um operário negro para presidência do Brasil. **Geledés - Instituto da Mulher Negra**, 30 jul. 2010. Disponível em: https://www.geledes.org.br/minervino-de-oliveira-um-operario-negro-para-presidencia-do-brasil/. Acesso em: 16 jul. 2026.

CARONE, Edgard. **A Internacional Comunista e as 21 condições**. Disponível em: https://gramsci.org/?page=visualizar&id=109. Acesso em: 08. jun. 2025.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: _____. **Homo Historicus**: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

DI CAVALCANTI. **Reminiscências líricas de um perfeito carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

DISTRITO FEDERAL. **Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal (RJ)**. Novembro/Dezembro de 1928. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1929.

DISTRITO FEDERAL. **Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal (RJ)**. Dezembro de 1929. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1930a.

DISTRITO FEDERAL. **Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal (RJ)**. Junho/Julho de 1929. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1930b.

DISTRITO FEDERAL. **Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal (RJ)**. Dezembro de 1929. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1930c.

DOMINGUES, Petrônio. Minervino de Oliveira: um negro comunista disputa a presidência do Brasil. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 101, p. 13-51, 2017. DOI: 10.1590/0102-013051/101.

DULLES, John Watson Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KULATI, Joseph. Como vivem e como agem os comunistas no Rio de Janeiro. **Diário da Noite**. Ano VII. Nº 2.245. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1935.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Karl Mannheim**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

O IMPARCIAL, Notas Sociais, Festas. Ano II. Nº 195. Rio de Janeiro, terça-feira, 17 de junho de 1913.

O PAÍZ. **Várias Notícias**. Ano XXV. Nº 12.532. Rio de Janeiro, sábado, 01 de fevereiro de 1919.

PASSOS, Ana Luiza Almeida. Resistências negras contra o capital: Laudelina de Melo Campos e Minervino de Oliveira. **Revista Expedições**: Teoria da História e Historiografia, v. 14, 2022. DOI: 10.31668/revista_geth.v14iFluxoCont.12987.

PINHEIRO, Marcos Cesar de Oliveira. **Dos Comitês Populares Democráticos (1945-1947) aos Movimentos de Educação e Cultura Popular (1958-1964)**: uma história comparada. 2005. 265 f. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RODRIGUES, Theófilo Machado. 95 anos da eleição dos comunistas Octávio Brandão e Minervino Oliveira no Rio. **Fundação Maurício Grabois**, 27 out. 2023. Disponível em: https://grabois.org.br/2023/10/27/95-anos-da-eleicao-dos-comunistas-octavio-brand

ao-e-minervino-oliveira-no-rio/. Acesso em: 07 ago. 2025.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **Comunistas em Ribeirão Preto (1922-1947)**. 1997. 174f. Dissertação para obtenção do título de Mestre (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, SP, 1997.

Sobre o Autor

Nelson de Paula Pereira é mestrando em Sociologia Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Possui bacharelado e licenciatura plena em História, licenciatura em Pedagogia e pós-graduação lato sensu em História do Brasil. Foi historiador, por quatorze anos, da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, coordenador do Centro de Documentação - CENDOC e diretor do Museu da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Hoje, é Professor de História e IB Brazilian Social Studies, bem como historiador e curador do acervo do Presbitério do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Rio de Janeiro e História do Cristianismo; Museus, Centros de Documentação e Arquivos.

Contribuições do Autor

Conceituação, N.P.P.; metodologia, N.P.P.; validação, N.P.P.; análise formal, N.P.P.; investigação, N.P.P.; recursos, N.P.P.; curadoria de dados, N.P.P.; redação—preparação do rascunho original, N.P.P.; redação—revisão e edição N.P.P.; visualização, N.P.P.; supervisão, N.P.P.; administração do projeto, N.P.P.

Agradecimentos

O autor agradece o apoio oferecido à pesquisa pelo gabinete da Deputada Estadual Dani Balbi, no tocante ao resgate da memória de Minervino de Oliveira, figura importante para o movimento operário e para o comunismo no Brasil.

Conflitos de Interesse

O autor declara não haver conflitos de interesse.

Sobre a Coleção Estudos Cariocas

A Coleção Estudos Cariocas (ISSN 1984-7203) é uma publicação de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, vinculada ao Instituto Pereira Passos (IPP) da Secretaria Municipal da Casa Civil da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Seu objetivo é divulgar a produção técnico-científica sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro, bem como sua vinculação metropolitana e em contextos regionais, nacionais e internacionais. Está aberta a quaisquer pesquisadores (sejam eles servidores municipais ou não), abrangendo áreas diversas - sempre que atendam, parcial ou integralmente, o recorte espacial da cidade do Rio de Janeiro.

Os artigos também necessitam guardar coerência com os objetivos do Instituto, a saber:

1. Promover e coordenar a intervenção pública sobre o espaço urbano do Município;
2. Prover e integrar as atividades do sistema de informações geográficas, cartográficas, monográficas e dados estatísticos da Cidade;
3. Subsidiar a fixação das diretrizes básicas ao desenvolvimento socioeconômico do Município.

Especial ênfase será dada no tocante à articulação dos artigos à proposta de desenvolvimento econômico da cidade. Desse modo, espera-se que os artigos multidisciplinares submetidos à revista respondam às necessidades de desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro.